

Texto extraído dos cursos ministrados aos domingos por Dr. Roberto Assagioli no Istituto di Psicossíntesi, Florença, 1966. Tradução Livre: Centro de Psicossíntese de São Paulo, Ago/2019.

O DESPERTAR DA ALMA

Por Roberto Assagioli

Com esta lição, começaremos a lidar com o trabalho de “purificação” que ocorre durante a empreitada de transformar os elementos inferiores da nossa natureza e unificar o nosso ser.

Para iniciar tal tratativa, vou usar a sugestão de Dante Alighieri.

Todos conhecem a Divina Comédia, mas poucos compreendem os significados mais íntimos e profundos contidos na obra. Assim, enquanto todos a estudam e a admiram como a obra literária mais sublime escrita na língua italiana, poucos a apreciam como um verdadeiro e genuíno “poema sagrado”, uma maravilhosa descrição e guia da vida interior e do desenvolvimento espiritual.

Esta obra, como todos os textos que tentam exprimir o inexprimível, é alegórica e simbólica, cada símbolo, aqui contido, é complexo e múltiplo, apresenta diferentes significados, em vários planos e, para descobrir cada significado, é necessário possuir a chave correspondente.

Como é notório, a obra possui um significado histórico e político o qual, para ser bem compreendido, necessita do conhecimento das condições políticas da Itália, aliás, da Europa, à época de Dante; também, é necessário conhecer suas opiniões, ideais políticos e as ações que desenvolveu durante a vida.

O mesmo discurso aplica-se ao significado estético e espiritual dos símbolos da Divina Comédia.

Possuir a “chave” significa atravessar o limiar da aparência e da forma exterior e descobrir a grande verdade ali oculta.

Procuraremos fazê-lo, por enquanto, no que diz respeito ao nosso tema, considerando que a parte que nos interessa, especificamente, encontra-se no início do poema.

Dante “no meio do caminho de sua vida” encontra-se, sem saber como, “em uma floresta selvagem, acidentada e forte”, mas, exatamente aí, ele sente-se bem.

De fato, vagando nessa selva, ele chega aos pés de uma colina, olha para cima e vê que ela está iluminada pelo sol.

Nesta alegoria simples está simbolizada, em síntese rápida, tudo o que diz respeito às primeiras fases do desenvolvimento espiritual.

A floresta selvagem representa, não somente – como costumam dizer, genericamente, os comentaristas – a vida viciosa do homem comum, mas, também e principalmente, o estado especial de desconforto, de sofrimento agudo, de escuridão interior que precede o despertar espiritual.

Este estado corresponde a bem mais do que a vida do homem comum, o que Dante diz sobre a selva, equivale a dizer que somente a recordação dela o preenchia de medo “tão amargo que pouco mais seria a morte”.

Em seguida, confirma isso com maior precisão. A descoberta da colina iluminada pelo sol e a elevação do olhar indicam, claramente, o momento decisivo do despertar da alma.

Agora, o medo se aquieta no lago do coração e, depois de um pouco de repouso, ele começa a subir as encostas do morro.

Isto simboliza a fase que segue ao despertar, da qual devemos ocupar-nos.

Quem teve um primeiro vislumbre da fulgurante luz do Espírito, quem provou, mesmo por um instante, a grande paz e a perfeita bem-aventurança do “despertar”, sente, naturalmente, surgir, em sua alma, uma intensa aspiração de receber sempre mais luz, de viver para sempre naquelas serenas e beatíficas regiões. Ele tenta, em seguida, subir, decididamente, ao cume de luz deslumbrante e, no entusiasmo da primeira revelação, acredita poder avançar direito e seguro.

Infelizmente, no entanto, de imediato, começam as dificuldades e os perigos. De fato, “quase ao começar do alerta”, assim nos diz Dante, encontra-se uma fera que bloqueia o caminho: “E não saia da minha vista, pelo contrário, impedia tanto meu caminho que eu voltei, muitas vezes”.

Esta primeira fera conhecida nossa, “com o lombo luminoso e sedutor”, simboliza, sobretudo, as atrações e as tentações dos sentidos.

No momento da iluminação, da exaltação alegre, a alma não sentia mais tais atrações, parecia que cada ilusão tivesse desvanecido, que cada ligação terrena fosse rompida.

Não foi assim! A alma percebe, com dolorosa surpresa, que a natureza inferior estava, apenas, momentaneamente, dormente e paralisada, não assassinada. Ela se desperta bem rápido e rebela-se violentamente, colocando-se à frente da alma e lhe bloqueando o caminho.

A alma despertada, no entanto, não se deixa vencer pelas atrações dos sentidos, mas, sustentada por sua aspiração, elevada e encorajada por vários sinais e indicações, pelas ajudas internas e externas, aguarda triunfar.

Isto é expresso por Dante nos versos:

“Si ch’a bene sperar m’era cagione di quella fiera la gaietta pelle l’ora del tempo e La dolce stagione”. (“Sim, foi bom esperar, no meu caso, daquela fera de pele clara, a hora certa e a estação suave”).

Mas, novos e mais graves obstáculos se postam diante da alma e suscitam, nela, novas e mais fortes apreensões.

“Mas não que medo não me desse, a visão que apareceu foi de um leão”.

O leão simboliza um dos nossos piores inimigos internos: o orgulho espiritual, o qual invade tão facilmente a alma, quando ela encontra, em si mesma, novas forças, novos poderes, e vislumbra as maravilhosas possibilidades de desenvolvimento que estão diante de si.

Com isso, ela desenvolve aquele senso de separação que é a verdadeira antítese da espiritualidade e, portanto, coloca uma grande barreira, sobre o seu próprio caminho.

Não termina, porém, aqui: ao leão une-se, de repente, a loba “carregada de todos os desejos”.

Ela representa o próprio princípio da separatividade, do egoísmo, no qual têm, verdadeiramente, origem todos os anseios. É isto que os Orientais definem como “túmulo”, a sede de viver, a raiz dos desejos da alma individual.

Não deveria nos surpreender, portanto, que essa mesma loba não só bloqueie a Dante, como fazem as outras feras, o caminho ascensional, mas, o rejeite, indo encontrá-lo naquele lugar “onde o sol é silencioso”.

Enquanto o Nosso Autor encontra-se neste grave perigo, aparece-lhe Virgílio e Dante, rapidamente, invoca, com humildade, a ajuda de Virgílio.

Do mesmo modo a alma, depois de ter constatado, por dolorosa experiência direta, as dificuldades da vida, depois de ter, de repente, a primeira derrota amarga, perde a ousadia e a presunção, reconhece a própria fraqueza e impotência, adquire, em resumo, a verdadeira humildade e coloca-se em condição de poder ser ajudada: apenas fez isso e a ajuda veio, na figura de Virgílio.

Esta é uma grande e consoladora lei da vida do espírito, esquecida nos momentos de dúvida e desânimo: a ajuda superior está sempre disponível, ela não é mais negada, somente, em nós mesmos, existem os obstáculos que a mantêm distante. Não sabemos ou não queremos pedi-la, de modo justo.

Em que consiste tal ajuda? E de onde ela provém?

Ocupemo-nos de compreender, agora, quem é Virgílio. Normalmente, afirma-se que ele personifica a razão. Tal explicação, não errada, mas, insuficiente, sem um comentário adequado, a iluminar a verdadeira natureza e as verdadeiras funções do princípio simbolizado por Virgílio.

Tal princípio poder-se-ia, mais exatamente, definir como “reorientação espiritual”, o que os Indianos definiram como “Viveka”, vale dizer, o poder que a razão humana tem, quando não seja ofuscada ou desviada pelas paixões e pelos sentimentos pessoais, de reconhecer qual o bom caminho a seguir e dirigir a personalidade para este caminho, encorajando-a e fazendo-a evitar cada perigo.

Quem move e inspira tal poder?

A resposta que Dante nos dá é bastante profunda, de tal modo que mereceria um longo comentário.

O primeiro impulso à ajuda vem das elevadas esferas do Paraíso, de uma mulher generosa que tem piedade de Dante.

Ela simboliza o misterioso princípio divino da compaixão, o qual coloca em ação a graça, a luz da alma, personificada, para Dante, em Lucia; a graça, por sua vez, suscita a sabedoria divina representada por Beatriz: *“Beatrice, loda di Dio vera, ché non soccorri quei che t’amò tanto che uscio per te dalla volgare schiera?”* (“Beatriz, verdadeiro louvor a Deus, por que não socorre aqueles que te amam tanto, que saem, por ti, da multidão vulgar?”).

Destes versos apreende-se que Dante tinha aspirado intensamente obter a divina sabedoria, em outras palavras, que a alma tinha tentado, resoluta e seriamente, percorrer a via do espírito e isto faz, sim, com que possa receber a ajuda superior.

A sabedoria divina, porém, não se manifesta, ainda, diretamente, a ele: o homem ainda impuro, não regenerado, ainda envolvido nos densos véus da matéria, não pode contemplar, diretamente, a verdade suprema. Assim, Beatriz envia Virgílio, que inspira e suscita o poder do conhecimento, já inerente ao homem comum.

É este poder do conhecimento, da discriminação, que deverá guiar a alma de Dante na primeira parte da sua peregrinação, o longo e doloroso caminho de purificação e de expiação, através dos reinos da sua natureza inferior.